



MILENA FRANCENER DESCHAMPS

**HOMENS GRÁVIDOS: O HOMEM JOVEM VIVENCIANDO A
TRANSFORMAÇÃO DA PATERNIDADE**

**Florianópolis
2008**

MILENA FRANCENER DESCHAMPS

**HOMENS GRÁVIDOS: O HOMEM JOVEM VIVENCIANDO A
TRANSFORMAÇÃO DA PATERNIDADE**

**Trabalho apresentado ao Familiare Instituto
Sistêmico para a conclusão do curso de
Especialização em Terapia Relacional Sistêmica.**

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Aparecida Crepaldi

**Florianópolis
2008**

Dedico este trabalho a todos os jovens pais que fazem da paternidade e da convivência com seus filhos um eterno aprendizado, afinal, “não basta ser pai, tem que participar.”



"Não há alegria para o coração de um pai, que valha a certeza da felicidade de um filho." (Júlio Dantas)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais por todo apoio na realização deste Curso de Especialização.

Ao meu grande amor Rodolfo, por toda paciência, carinho e amor.

À minha amiga Roberta, sempre presente nas minhas maiores conquistas.

À minha orientadora Prof^ª. Dra. Maria Aparecida Crepaldi, por toda atenção e apoio na concretização deste trabalho.

Aos queridos pais que participaram com tanta disponibilidade deste trabalho.

Muito obrigada a todos vocês!

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	8
1.1	O HOMEM JOVEM VIVENCIANDO A TRANSFORMAÇÃO DA PATERNIDADE	8
1.2	OBJETIVOS	10
1.2.1	<i>Objetivo Geral:</i>	10
1.2.2	<i>Objetivos específicos:</i>	10
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1	SER PAI – ASPECTOS HISTÓRICOS	11
2.2	RUMO À PARENTALIDADE	13
2.3	O ENVOLVIMENTO PATERNO	15
2.4	INTERGERACIONALIDADE	17
3.	MÉTODO	18
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	18
3.2	PARTICIPANTES	19
3.3	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	19
3.4	ANÁLISE DE DADOS	19
4.	RESULTADOS	20
4.1	O SIGNIFICADO DE SER PAI	20
4.2	PARTICIPAÇÃO NA GRAVIDEZ DA COMPANHEIRA	22
4.3	O MOMENTO EM QUE EFETIVAMENTE SE SENTIU PAI	24
4.4	RELAÇÕES ENTRE PAI E FILHO APÓS A PARENTALIDADE	26
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
	ANEXOS	32

RESUMO

O presente trabalho se propõe a investigar as semelhanças e diferenças da paternagem em duas gerações da mesma família. A pesquisa pode ser classificada como descritivo-exploratória, de cunho comparativo. Com relação ao delineamento, esta pesquisa se enquadra em estudo de caso. A partir da transcrição das entrevistas, realizou-se uma leitura exaustiva do material gravado e a partir dele foram desenvolvidas categorias temáticas destinadas à organização dos dados obtidos. Os resultados apontaram mudanças significativas no que se refere à paternidade da geração atual em relação à geração anterior. O engajamento paterno do pai de hoje mostrou-se diferente do avô, pois a segunda geração participa mais das atividades de cuidados da vida cotidiana, estabelecendo com seu filho uma maior proximidade do que o pai da primeira geração. Porém, mesmo com diferenças entre a primeira e a segunda geração, vários conceitos foram passados de pai para filho como, por exemplo, o conceito de responsabilidade. Ficou evidenciado, a partir dos resultados que os avôs se ressentem por não terem participado mais ativamente na criação de seus filhos, aproveitando a vinda dos netos para adquirir uma maior proximidade com seu próprio filho.

Palavras-chave: pai, paternidade, engajamento, intergeracionalidade, família.

1. INTRODUÇÃO

1.1 O HOMEM JOVEM VIVENCIANDO A TRANSFORMAÇÃO DA PATERNIDADE

Assim como a sociedade passa por profundas transformações, a família também passa pelo mesmo processo. Desta maneira, as significativas modificações ocorridas no papel paterno nas últimas décadas vêm merecendo novos estudos e pesquisas, pensando a família não mais como uma divisão em que mãe e bebê estão de um lado e o pai de outro. Faz-se necessário pensar na família numa relação dinâmica em que as influências vêm de todas as direções. (Castoldi, 2002)

Nas décadas passadas, os estudos sobre o desenvolvimento psicológico colocavam toda responsabilidade do desenvolvimento educacional, social ou intelectual dos filhos na mãe e o pai era visto apenas como um provedor financeiro. Com o avanço das mulheres no mercado de trabalho, com os movimentos feministas e com todas as mudanças ideológicas e econômicas, começaram a existir novas expectativas frente ao papel de pai, “na medida em que se espera uma nova postura dos mesmos dentro da família.” (Andreani, 2006, p.1)

Com as modificações ocorridas no final do século vinte, ocorreu o que se chama “mudança da paternagem”, onde o pai distante do período colonial dá lugar a um pai envolvido na vida dos filhos e parceiro da mãe no cuidado dos mesmos. Desta forma, As pesquisas sobre o tema paternidade vêm crescendo nas últimas décadas, sendo que hoje em dia, um terço da literatura sobre maternidade são assuntos dedicados ao papel de pai. (Andreani, 2006).

No Brasil, especificamente, alguns autores se destacam no estudo deste tema como Menezes (2001), Castoldi (2002), Corrêa (2001), Rapaport (2003), Bolli (2002), Unbehaum (2000), entre outros. Apesar disso, há certa escassez em pesquisas que abordem a gravidez e o pai. A maternidade é mais estudada com predominância, muitas vezes, da idéia de que o pai apenas participa da relação que é estabelecida entre mãe e bebê. É necessário haver mais estudos sobre a gravidez para o casal. (Andreani, 2006)

Em contrapartida, os estudos feitos com o pai fazem relação com seu papel enquanto rede de apoio a mulher grávida, facilitador no parto, com o cuidado pós-parto e suas contribuições com a amamentação. Porém, faz-se necessário levar em consideração a importância do pai no desenvolvimento do bebê e comunicar-lhe esta importância para que ele possa ter uma maior participação no processo.

Outro fator primordial é estar atento a saúde deste pai, que assim como a mulher pode apresentar doenças e sintomas, como por exemplo, a depressão, o blues, inclusive a psicose como resultado da paternidade. Faz parte deste processo, inclusive, estar vigilante aos sentimentos que o pai tem depois que a criança nasce, pois ele pode se sentir rejeitado ou enciumado, pois normalmente a mãe e o bebê são o centro das atenções, sendo que a mulher pode estar apenas concentrada no bebê deixando o pai excluído do processo.

Partindo da premissa de que o papel de pai vem se modificando ao longo dos anos, a proposta deste estudo é investigar as semelhanças e diferenças da paternagem em duas gerações da mesma família. Para alcançar este objetivo será primeiramente apresentada uma revisão histórica da paternidade para contextualizar os aspectos referentes ao papel de pai de antigamente e o atual.

Será abordada a transição para a parentalidade, que é o período que compreende a concepção e dura até aproximadamente dezoito meses de vida do bebê (Wendt, 2006) e que de acordo com Carter e McGoldrick (2001), o nascimento de um filho é uma das etapas mais difíceis e desafiadoras no contexto de uma família.

No terceiro capítulo se fará a abordagem sobre o pai perante a gestação do primeiro filho, que é considerado por diversos autores como o principal período de transição do desenvolvimento do adulto.

O conceito de envolvimento paterno será desenvolvido a partir de pesquisas que utilizam este termo, pois a palavra envolvimento é de certa forma recente dentro da literatura psicológica e aborda definições como: acessibilidade, engajamento e responsabilidade. Este termo vem sendo utilizado progressivamente, portanto, faz-se necessário estudá-lo para melhor compreendê-lo.

Também serão trabalhadas questões referentes à intergeracionalidade, ou seja, conceitos que são passados através das gerações. A interação é o processo chave para compreender a relação existente entre pai e o bebê, que consiste em comportamentos concretos e visíveis que podem ser observados por uma terceira pessoa. “É através das interações que se pode conhecer as representações, fantasias, temores e desejos dos pais e do bebê.” (p.58). E é a partir destas interações concretas que pais e filhos se conectam. O mesmo processo é verificado entre os pais e seus próprios pais. Faz-se necessário compreender como estes modelos de interação podem ser passados ou não através das gerações. (Castoldi, 2002)

O interesse por este tema deve-se primeiramente a uma grande curiosidade em saber o que o futuro pai leva ou não de sua família de origem e o modelo que ele próprio teve de pai. O interesse se deve também ao fato de não haver muitas pesquisas que abordem a

intergeracionalidade da paternagem. Com isso, veio a intenção de aprofundar e investigar mais o presente tema.

Portanto, nesta pesquisa pretende-se investigar **como identificar as transformações da paternidade vivenciadas por homens jovens, comparando-as com as transformações vividas por seus pais?**

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 *Objetivo Geral:*

Identificar as transformações da paternidade vivenciadas por homens jovens comparando-as com as transformações vividas por seus pais.

1.2.2 *Objetivos específicos:*

1. - Identificar o significado de paternidade
2. - Identificar as transformações na paternidade ocorridas entre duas gerações.
3. - Caracterizar as semelhanças e diferenças do significado da paternidade presentes em duas gerações.
4. – Caracterizar o relacionamento entre pai/avô

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SER PAI – ASPECTOS HISTÓRICOS

A paternidade sofreu significativas modificações ao longo dos séculos, desta forma as pesquisas realizadas a partir da literatura americana mostram uma divisão com três períodos no que se refere a este tema: a paternidade Patriarcal (1620 a 1800), Paternidade Moderna (1800 a 1970) e a paternidade Andrógena (1970 até o presente).

No período Patriarcal, o pai representava o poder, sua autoridade era vista com naturalidade no mundo agrícola em que a família vivia. Normalmente, as famílias eram numerosas, e cada filho contribuía de forma ativa na produção, sendo chefiado pelo pai, garantindo com isso a sobrevivência da família (Castoldi, 2002).

O pai desta época era responsável em suprir as necessidades físicas dos familiares, treiná-los para o trabalho, orientar para o crescimento moral e espiritual dos filhos e tomar as medidas disciplinares que julgasse mais correta. Visando manter e aumentar as propriedades, os casamentos da época eram arranjados como se fosse uma espécie de sociedade, sendo que esta escolha também cabia ao pai.

As relações existentes entre pais e filhos na época colonial eram desprovidas de sentimentos, pois a crença era a de que se o pai mostrasse qualquer tipo de afeição perderia sua autoridade. No lugar dos sentimentos, ficava presente a aprovação ou desaprovação das atitudes dos filhos.

Este tipo de paternidade perdurou até o século XIX, porém, o início das mudanças se deu em meados do século XVIII, como resultado de todas as transformações que a sociedade estava sofrendo na época.

“Com o crescimento da população e o declínio da atividade agrícola, os filhos começaram seu deslocamento em direção às cidades, longe do controle dos pais. Ou seja, os pais começaram a perder a força e a autoridade, ao mesmo tempo em que um novo modelo de maternidade emergiu com as mulheres se mostrando hábeis em lidar com questões espirituais e morais na educação dos filhos.” (Castoldi, 2000).

Desta forma, a transição do modelo Patriarcal para o modelo Moderno vai de 1800 a 1880, período em que houve a urbanização da classe média. Os pais saíram de casa em busca de emprego na emergente economia industrial, deixando o cuidado dos filhos sob responsabilidade da mãe.

Com a constante presença das mães na criação dos filhos, configurou-se o pressuposto de que as relações pai-criança não eram importantes no desenvolvimento da criança. Este pensamento perdurou através da maior parte do século (Bolli, 2002). Com todo este movimento, o pai perdeu um pouco de sua autoridade, embora os homens ainda fossem considerados os chefes da família.

A paternidade Moderna (1880 a 1970) tinha a característica de ser contrária a paternidade Patriarcal, tendo a ausência física e o envolvimento afetivo com a família.

“Enquanto um grupo de homens desenvolveu um novo tipo de relacionamento com seus filhos, expressando afeição, jogando, brincando com suas crianças, outro grupo de homens, ao afastarem-se de casa delegaram totalmente os cuidados dos filhos e passaram a caracterizar o que se denominou de pais ausentes.” (Castoldi, 2002, p.15-16)

Este modelo de paternidade perdurou até as décadas de 30 e 40 quando o mundo foi marcado pela Grande Depressão e pela Segunda Guerra Mundial. Neste período, os pais perderam sua função de provedor econômico e as mulheres passaram a ocupar de maneira significativa o mercado de trabalho.

No entanto, no pós-guerra, o homem acabou sendo restituído de sua posição de provedor do lar, voltando ao quadro econômico tendo jornadas de trabalho, muitas vezes de sessenta horas semanais. Porém, estes homens estavam tão despreparados neste novo mercado de trabalho como estavam despreparados anteriormente para as tarefas domésticas. Agora, tinham que garantir o sustento da família e se acostumar ao afastamento físico dos filhos.

E nos últimos trinta anos, uma série de mudanças significativas causou um impacto na vida familiar e no papel de pai. Com o aumento da inflação e o presente desemprego, elevou-se a força do trabalho feminino, culminando com a saída da mulher e mãe dentro de casa modificando toda a estrutura familiar (Castoldi, 2002).

Neste contexto, vê-se emergir no cenário atual, a terceira modalidade de paternidade, a andrógena. Assim, a partir de todas as mudanças tecnológicas, econômicas e ideológicas que ocorreram e ainda ocorrem na sociedade, há o desenvolvimento de uma nova definição do que é ser pai (Bolli, 2002).

A característica principal desta modalidade de paternidade é a definição de que o bom pai é aquele que participa de forma ativa e efetiva no cuidado e na educação dos filhos, envolvendo-se tanto física quanto afetivamente, assumindo uma maior responsabilidade na criação dos filhos.

Estas mudanças presentes em nossa sociedade atualmente estão possibilitando um maior desenvolvimento nos papéis tanto da mãe quanto do pai, havendo uma maior divisão de tarefas e responsabilidades. Desta forma torna-se mais igualitária a criação dos filhos, independente do gênero, com a maior participação afetiva do pai na criação dos filhos.

2.2 RUMO À PARENTALIDADE

“A parentalidade, quer do pai ou da mãe, é a mais difícil tarefa que os seres humanos têm para executar. Pois pessoas, diferentemente dos outros animais, não nascem sabendo como serem pais. Muitos de nós lutam do princípio ao fim.” Karl Manning

Quando o homem descobre que vai ser pai, vivencia um misto de emoções, podendo ficar encantado, orgulhoso, completo, mas também inseguro e nervoso frente a uma pequena pessoa que está prestes a entrar em sua vida.

Assim, a vinda de um filho é, segundo Carter e MacGoldrick (2001), uma das mudanças mais significativas em uma família ampliada, onde diversas mudanças precisam ser negociadas. Tornar-se progenitor possibilita um elo entre duas gerações e modifica todo âmbito social entre amigos e trabalho, caracterizando mudanças profundas e irreversíveis no subsistema conjugal e no grupo familiar. A chegada de um bebê, especialmente o primogênito, denota um período de extrema importância, pois representa a passagem definitiva para a vida adulta (Wendt, 2006). Porém, a parentalidade pode ser considerada um fator que gera estresse em uma família porque envolve a relação do casal entre si e as vivências com a família de origem.

Desta forma, toda família se encontra exposta a fatores estressores. Estes fatores, segundo Carter (2001), podem ser horizontais que são os fatores que resultam das transições do ciclo vital que acontecem entre uma etapa e outra, e os fatores verticais que são os mitos, os tabus, segredos e legados familiares que são transmitidos entre gerações. Assim, pode-se afirmar que construção da parentalidade começa antes mesmo da concepção, pois o desenvolvimento desta se dá a partir da história e vivência de cada um e também a vivência que o casal teve até então. Cada casal vai desenvolver padrões de interação comportamentais e comunicacionais, com relação às novas funções parentais em construção.

A experiência da paternidade é vivida de forma diferenciada pelos homens e pelas mulheres, tanto no âmbito social como também no psicológico. É o que se chama de transição para a parentalidade (Wendt, 2006).

A duração desta transição varia de acordo com cada família. Esta não é definida com o nascimento do bebê, mas com mudanças psicológicas nos pais e na organização de seus novos papéis. “Não existe um ponto claramente identificado para o início e o fim da transição para a parentalidade.” (Wendt, 2006, p.31). Trata-se da preparação dos cônjuges para se tornarem pais, progenitores, caracterizando-se momentos de crise, aprendizagens, descobertas, a necessidade de diversas adaptações e novas formas de interação.

A transição para a paternidade é algo gradual “que consiste em ir se familiarizando com as exigências e prazeres deste novo papel.” (Wendt, p.31). É o casal e não apenas a mãe a ser afetada pela gravidez. Assim, a parentalidade exige dos cônjuges maturidade para conciliar novas tarefas domésticas com o trabalho e o âmbito social. Desta maneira, devem-se ser consideradas diversas características diferenciadas entre homens e mulheres que se fazem presentes no início do processo de paternidade e nos inúmeros ajustes que um casal tem que fazer com a vinda de um filho.

Outro desafio que se apresenta a um casal com a chegada do bebê é a sexualidade, já que há uma interferência direta na privacidade do casal e o investimento da mesma tende a diminuir. A presença de uma terceira pessoa e o desenvolvimento triangular afeta significativamente a estabilidade do casal.

Das diversas pesquisas realizadas sobre o assunto, é possível concluir que há um declínio da satisfação marital no período da gravidez e nascimento, até aproximadamente os dezoito meses de vida do bebê. Há também o aumento da ansiedade com resultado da transição para a parentalidade, podendo haver até mesmo os riscos de uma psicose, depressão profunda e o chamado “blues”, que Maldonado (1995) define como um embotamento afetivo ou depressivo manifestado pela mãe ou pelo pai nas primeiras semanas de vida da criança. Seria o resultado das transformações fisiológicas, psicológicas e sociais do nascimento.

A partir da idéia da chegada de um bebê, é comum que o casal torne a situação idealizada, imaginando uma maior união entre os dois. Porém, o que acontece é uma certa dificuldade na adaptação ao período pós-parto, onde o casal está ocupado em dar conta de todas as necessidades do recém-nascido. Apesar de todo este trabalho, vai depender de como este casal existia antes da chegada deste bebê. Se havia um relacionamento saudável, apoio mútuo, realização de atividades em conjunto, apoio um ao outro (Andreani, 2006), o resultado será uma melhora no relacionamento. (Castoldi, 2002).

O casal que decide ter filhos passa por mudanças nos chamados cinco domínios que fazem parte de um modelo estrutural desenvolvido por alguns autores e que representa o momento de transição para a parentalidade. O primeiro seria as características individuais

presentes em cada membro da família como o auto-conceito, a auto-estima, os sintomas de depressão e o estresse emocional. O segundo domínio é o relacionamento conjugal, sendo levada em consideração principalmente a comunicação e a divisão de trabalho existentes. Depois entra em questão o domínio que se refere à qualidade da relação entre os pais e a criança. No quarto domínio tem-se presente a intergeracionalidade. No quinto e último domínio, evidencia-se a relação entre os membros da família nuclear com os outros indivíduos ou instituições como o trabalho, a escola, o balanço entre o estresse de vida e o suporte social. (Andreani, 2006).

A mudança que ocorre num casal é ter que voltar toda energia que antes era para os dois, para a criança, o que pode gerar conflitos. Porém, embora a mudança possa aumentar a tensão do casal, ela permite que o homem e a mulher se desenvolvam enquanto marido e esposa e também enquanto pais.

Com a chegada de um bebê, não apenas a mulher passa por mudanças, mas também o homem e o casal como um todo. Os dois verão suas rotinas e seus hábitos mudarem completamente e suas atenções ficarão por muito tempo voltadas apenas para a criança. O casal terá, por muitas vezes, que abdicar de sua privacidade e de suas necessidades para poder atender a demanda de uma terceira pessoa que agora faz parte da família. Há um aumento de tensão e de conflitos. Porém, ao se ter um filho, o casal passa a ocupar outro espaço no ciclo de vida familiar, a passagem definitiva para a vida adulta, o desenvolvimento de novos papéis e, muitas vezes, uma melhora na relação conjugal. Enfim, toda uma gama de mudanças e adaptações ocorre, mas ainda assim é descrita por muitos como a experiência mais recompensadora que existe.

2.3 O ENVOLVIMENTO PATERNO

“Crianças são o propósito da vida. Quando éramos crianças alguém cuidou de nós. Agora é nossa vez de cuidar delas.”
(Cree Elder)

O termo “envolvimento paterno” começou a ser utilizado apenas a partir da década de sessenta e vem crescendo consideravelmente desde então. Muitas pesquisas e estudos debruçaram-se sobre a figura materna, classificando-a como principal e maior responsável pelo cuidado dos filhos, “ficando sob sua responsabilidade o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança.” (Andreani, 2006, p. 26)

A importância do papel do pai na criação da criança foi ignorada por muito tempo e só a partir da década de setenta é que esta realidade começou a ser modificada. Agora, o pai é visto como um importante modelador de toda personalidade da criança.

Uma das explicações para o pai não ser considerado como importante na criação da criança, é a de que o homem, provedor econômico e financeiro dava sua contribuição ao garantir o sustento da família. Havia dúvidas e questionamentos se ele teria condições de se apegar emocionalmente à criança. Porém, mais tarde, os estudos mostraram que os pais podem ser tão apegados ao bebê quanto à mãe.

“... o pai é responsivo, ficando exaltado com o nascimento, emocionalmente conectado e ansioso em deixar o bebê sozinho, embora seu comportamento seja menos sensível que o da mãe... a sensibilidade paterna varia dependendo das circunstâncias, das relações maritais e de sua personalidade. Entretanto, o pai é consistentemente mais envolvido na interação com a criança antes e depois de seu nascimento, quando ele é altamente engajado na sua relação com a companheira.” (Andreani, 2006, p. 26)

Os homens adquirem o vínculo com a criança, mais lentamente do que as mulheres, pois somente a mulher sente o filho crescer dentro dela, dar à luz, amamentá-lo. O vínculo vai sendo construído a partir do nascimento do bebê e no seu desenvolvimento. Desta forma, por não ter as mudanças corporais e o desenvolvimento do bebê dentro de si, o futuro pai pode ter uma mescla de sentimentos neste período, como o ciúme, a inveja, ansiedade, solidão, competição e exclusão, pois a mulher tende a desviar sua atenção e energia para o bebê (Piccinini, 2004).

A gratificação emocional do pai depende da quantidade de energia e tempo dispensados no contato com a criança. Por exemplo, se o homem teve experiências agradáveis durante a gravidez, facilita posteriormente a proximidade entre pai e criança. (Andreani, 2006).

Existem três dimensões que devem ser levadas em consideração no envolvimento paterno: acessibilidade, engajamento e responsabilidade. Acessibilidade pode ser considerada a partir da presença e da disponibilidade, o tempo do pai para esta criança. O engajamento se refere às experiências de contato direto, ou seja, o cuidado e as interações entre pai e filho. E, por fim, a responsabilidade é a participação do pai em tarefas de cuidado e atenção com o filho, como: levá-lo ao médico, ir às reuniões da escola, cuidar do filho doente, entre outros (Lamb, 1987).

Deve-se levar em consideração também as características da própria criança e também as características do casal que serão determinantes no envolvimento paterno. Por

exemplo, o grau de envolvimento dos pais com os filhos é maior do que com as filhas, devido a uma maior identificação dos pais com os meninos (Castoldi, 2002).

O relacionamento do casal também pode interferir de maneira significativa no envolvimento paterno. Quando a relação conjugal é satisfatória, maior e melhor o envolvimento paterno. Porém, a mãe tem um papel decisivo na participação ou não do pai nos cuidados com o bebê, pois a relação de pai-filho sempre será influenciada pela mãe. Assim, é importante que a mãe sempre qualifique o homem como pai e como marido, fazendo-o se sentir bem com relação a sua competência. Desta forma, o cuidado passa a ser visto de forma positiva e importante para o pai.

“A participação e o envolvimento paterno dependem da crença do pai na sua importância para o bebê desde o início que está relacionado à sua própria experiência como filho de seu pai. Pais com experiências profundas com seus próprios pais tendem a reconhecer a sua importância para com seu filho.” (Andreani, 2006, p. 27)

Outro fator determinante no envolvimento paterno é o modo como o casal divide suas atividades cotidianas, suas responsabilidades e todos os acordos feitos para a criação da criança, pois a partir disso, será construído todo um contexto aonde o bebê irá se desenvolver e aprender. Desta maneira o auxílio do pai no cuidado com o filho irá influenciá-lo dando modelos que a criança poderá imitar ou evitar, pois muitos dos comportamentos adquiridos pela criança são a partir de observações e ajustamento de comportamentos de quem os rodeia.

Os homens enquanto pais têm tanta competência quanto às mães para reconhecer e interpretar os diferentes sinais do bebê e a partir disso emitir uma resposta apropriada para com ele. E a criança tendo diferentes interações (mãe-bebê; pai-bebê) faz com que ela aprenda a ter diversos comportamentos com outras pessoas. (Castoldi, 2002)

O resultado da participação ativa do pai na criação dos filhos, é que as crianças serão mais bem adaptadas psicologicamente do que as crianças que não têm a segurança, apoio e uma relação mais sensível com o pai. Além disso, não importa a quantidade de tempo que o pai permanece com seu filho, mas o que ele faz neste tempo com a criança (Castoldi, 2002).

2.4 INTERGERACIONALIDADE

Um dos elementos de maior importância para compreender a relação pai/bebê é através da interação, que é realizada por meio de comportamentos concretos visíveis e audíveis para uma terceira pessoa. É a partir destas interações que se passa a ter conhecimento das fantasias, desejos e temores do pai “E é através das interações concretas que as

representações dos pais se conectam com as representações dos filhos. O mesmo processo ocorre entre os pais e seus próprios pais.” (Castoldi, 2002, p. 58).

Os modelos de interação passam transversalmente as gerações por meio das múltiplas interações familiares que são organizadas em unidade, denominada pelo autor Stern de scripts, ou roteiros, que se repetem em contextos específicos. Desta forma, assim como os scripts, os mitos, histórias e segredos familiares, são representações dos eventos interacionais que ocorrem ao longo da vida familiar. (Castoldi, 2002).

De acordo com Castoldi (2002), há certo determinismo no sentido de que os futuros pais, em algum momento, acabarão repetindo a história dos seus próprios pais. Isto acontece porque a partir dos padrões de interação entre pais e filhos haverá a repetição através das gerações. Assim, as interações de uma geração irão influenciar as interações da geração seguinte.

A partir das representações existentes na família de origem, o futuro pai e a futura mãe serão influenciados dentro do novo contexto familiar, ou seja, com a vinda de um bebê, cada um dos pais irá trazer consigo uma série de scripts que são únicos presentes em sua história familiar.

Por isso a importância de se levar em consideração estes scripts familiares, estas representações para se ter uma maior responsabilidade com as gerações futuras, em virtude da repetição de padrões disfuncionais, que podem ser rompidos e até mesmo prevenidos através de um trabalho terapêutico. Claro que não se deve esquecer, também, dos aspectos positivos da repetição de scripts que destacam a singularidade de cada grupo familiar e também a personalidade de cada indivíduo (Castoldi, 2002).

3. MÉTODO

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa pode ser classificada como uma pesquisa descritivo-exploratória, de cunho comparativo. Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o tema estudado e o aprimoramento de idéias e envolvem o levantamento bibliográfico sobre o tema, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e a análise destas entrevistas. (Gil, 2006).

Com relação ao delineamento, esta pesquisa se enquadra na pesquisa de estudo de caso que se caracteriza pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo conhecimento. O propósito deste tipo de delineamento é explorar situações da vida real, descrevendo a situação respeitando seu contexto. (Gil, 2006).

3.2 PARTICIPANTES

Foram selecionados seis homens, sendo que três eram pais (Geração I) e três eram seus filhos (Geração II), que também são pais, para desta forma acompanhar duas gerações no papel de pai.

Os homens são de uma cidade da região Sul, sendo que os homens da segunda geração têm entre 25 e 35 anos e são pais de filhos únicos, de classe social média, com escolarização em terceiro grau.

Os pais da primeira geração tiveram seus filhos entre 20 e 25 anos, também pertence a classe média e na sua maioria possuem o segundo grau completo.

3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento escolhido para a coleta de dados foi a entrevista com roteiro semi-estruturado.

3.4 ANÁLISE DE DADOS

A partir da transcrição das entrevistas, realizou-se uma leitura exaustiva do material gravado e a partir dele foram desenvolvidas categorias temáticas destinadas à organização dos dados obtidos. Estas categorias foram delineadas com base nas perguntas feitas nas entrevistas, comparando desta forma a geração I com a geração II.

A análise realizada procurou privilegiar as regularidades sem negligenciar as particularidades existentes nas falas dos participantes.

4. RESULTADOS

A organização dos resultados deu-se através de quatro categorias: *O significado de ser pai; Participação na gravidez da companheira; O momento em que efetivamente se sentiu pai; Relações entre pai e filho após a parentalidade.* Estas serão descritas e exemplificadas a seguir:

4.1 O SIGNIFICADO DE SER PAI

Ao longo dos anos, houve profundas mudanças no papel de pai. Antigamente, o pai era visto fundamentalmente como provedor financeiro, enquanto ficava a cargo da mãe a criação e responsabilidade pelos filhos.

A paternidade da primeira geração entrevistada pode ser considerada a partir da Paternidade Moderna, como visto anteriormente no referencial teórico. Este tipo de paternidade tem como característica predominante a ausência física e afetiva com os filhos. Sua maior preocupação era garantir o sustento financeiro da família. (Castoldi, 2002)

Para esta geração, o significado de ser pai passa pelo desejo de continuidade, da formação de uma família, não mencionando sentimentos com relação a ser pai.

“É a realização de uma expectativa. Acho que toda família sonha em continuar como família e o filho é esta realização. Acho que é por isso que a gente deposita tantos sonhos e esperanças nesta criança.” (C, 1ª G.)

“É um privilégio de cada um para poder passar, formar uma família. É o início de tudo. Você casando quer formar uma família e ser pai. Ser pai é o complemento de uma família.” (V., 2ª G.)

Em contrapartida, o significado de ser pai para a segunda geração é bem diferente, sendo caracterizada pela chamada Paternidade Andrógena, presente nos últimos trinta anos, a partir das mudanças no cenário mundial, onde a mulher participa cada vez mais do mercado de trabalho.

A característica marcante deste tipo de paternidade é a participação ativa e afetiva na vida dos filhos, assumindo mais responsabilidades e não unicamente o sustento financeiro da família. (Castoldi, 2002)

“Ser pai é difícil definir. Ser pai é muito bom. É uma experiência, uma busca do querer dar o melhor, é tentar fazer o melhor do que fizeram contigo, é tentar dar caminhos melhores. Eu gosto muito, a experiência é ótima.” (L., 2ª G.)

Na segunda geração, não aparece o sentido de continuidade da família apenas, mas sim, de dar o melhor para o filho e para isso este pai participa ativamente de todo o desenvolvimento da criança.

Apesar das duas gerações mostrarem diferentes em alguns aspectos, não se pode desconsiderar a intergeracionalidade, ou seja, o que é passado de geração para geração, o que este filho aprendeu com seu próprio pai. E isto fica evidenciado em algumas falas dos pais da segunda geração no que se refere à responsabilidade, de garantir o sustento desta família. Com esta preocupação, fica presente certa ambivalência de sentimentos nos pais da segunda geração.

“Ser pai para mim é uma grande alegria e também uma grande responsabilidade. Acho que é uma decisão, resolver ser pai, estar preparado para ser pai. É tudo de bom. A experiência do dia-a-dia é que vai te ensinando. Mas é uma boa experiência, eu gosto de ser pai. Quando a gente decide ser, a gente pensa que está preparado, mas só o dia-a-dia é que vai te mostrar, mas o fato de querer, ajuda muito.” (E., 2ª G.)

A vinda de um filho é, como já visto anteriormente, uma das mudanças mais significativas para uma família, pois representa a passagem definitiva para a vida adulta (Carter e MacGoldrick, 2001), por isso muitas vezes o que se apresenta é uma miscelânea de sentimentos.

“É muito bom. No final é sempre uma alegria. No começo senti medo, é algo novo que está acontecendo, da responsabilidade, agora não é mais só você e ela [companheira], é mais um, que você vai ter que ter trezentos por cento de cuidado no começo, depois ele vai começar a ter a vida dele, mas esse início é aterrorizante. Tinha medo de errar com ele, de fazer escolhas erradas enquanto ele não podia fazer as escolhas dele. E agora eu tinha que garantir o sustento de mais um. A responsabilidade é muito grande.” (R., 2ª G)

O termo responsabilidade está atrelado ao papel de provedor que o pai desempenha (Andreani, 2006), e que se faz muito presente ainda hoje, apesar das mulheres também ajudarem no sustento financeiro da família. A preocupação financeira aparece nas duas gerações. A diferença é que na segunda geração esta não é a única fonte de inquietação, mas também o desejo de participar da vida desta criança e querer fazer sempre o melhor para ela, tendo envolvimento físico e afetivo.

4.2 PARTICIPAÇÃO NA GRAVIDEZ DA COMPANHEIRA

A maioria dos pais da 1ª geração, respondeu que quase não houve participação na gravidez de sua companheira.

“Eu te confesso que a gente, a minha geração foi diferente da de hoje. Hoje talvez eu faria diferente. Trouxe muito da educação do meu pai, não acompanhei quase nada da gravidez dela.” (V. 1ª G.)

“Ah, eu trabalhava muito. Não fui muito presente. Ela reclama disso até hoje a respeito. Mas foi um sacrifício necessário já que na época não existia a licença maternidade. Então os direitos da mãe não existiam. Ela só teve direito há um mês, então durante mais três meses ela não pôde trabalhar. Eu viajava muito, o que dificultava. Fui parar de viajar quando meus filhos tinham dez e doze anos, foi quando parei um pouco mais em casa.” (C. 1ª G.)

Apenas um entrevistado da 1ª geração afirmou que participou ativamente da gravidez da companheira:

“Total e efetiva. Lembro que no dia do parto os médicos não sabiam a quem atender, pois desmaiei no hospital. Até hoje não sei se foi de emoção ou desespero pelas dores dela, ou as duas coisas juntas. Foi algo fora do comum.” (O. 1ª G.)

Já os entrevistados da 2ª geração, afirmaram que participaram ativamente do processo:

“Óbvio. Sabia mais que ela. Foi uma participação de duzentos por cento. Foi um mimo só. Fui muito paciente com todas as manhas dela.” (R. 2ª G.)

“Acompanhei tudo, tudo, todas as consultas, participei do parto. Acompanhei tudo certinho. Até da parte estética ajudei, porque tinha que fazer umas massagens, drenagem linfática, eu que fazia tudo para ela. Toda noite tinha os cremes, eu ajudava em tudo, sempre procurei saber, perguntava para ela se estava tudo bem. Eu acho assim, que fui ótimo.” (E. 2ª G.)

O suporte emocional à gestante se constitui em uma importante função atribuída ao pai. Alguns pais sentem-se profundamente envolvidos com questões da gestação, procurando participar o máximo possível, mostrando uma grande disponibilidade emocional para esta experiência, como mostra as falas acima dos pais da 2ª geração.

“Na hora do parto eu não fui, não tive coragem, não gosto muito de sangue, mas fui muito legal, eu participei. Falei com a barriga dela, fui a quase todos os exames, escutei o coração...” (L. 2ª G.)

Hoje em dia, os pais têm até mais oportunidades de participar da gravidez de sua parceira, do que antigamente, onde o homem não tinha nem o direito a assistir o parto de sua companheira.

“Ver nascer como eu vi, quando eles trazem assim pra ti, aquela coisinha totalmente indefesa, foi realmente emocionante, chorei, quase desmaiei, é uma mistura de sentimentos. Faria tudo de novo.” (E. 2ª G.)

Com uma maior participação, o futuro pai pode se envolver de uma forma mais efetiva e lidar de uma maneira diferente da que vimos nos pais da 1ª geração, com o novo membro da família. Para a mulher é mais concreta a vinda de um bebê, pois ela sente o feto crescendo em sua barriga. O vínculo já vai sendo formado. Já para o homem a vinculação é um pouco mais demorada, e vem a ser consolidada, gradualmente, após o nascimento e no decorrer do desenvolvimento da criança (Piccinini, 2004). Para que já haja o início de um vínculo, é importante um acompanhamento através da participação das consultas, para saber o que se está passando com sua companheira e com o bebê, ver as ultra-sonografias, ouvir o coração do bebê, entre outras atividades nesta fase, como mostram as falas acima.

Com a atuação mais presente do pai, já na gravidez, cria-se uma gama de expectativas, crenças e atitudes com relação à criação desta criança, onde as tarefas são divididas entre homens e mulheres, assim como a responsabilidade, o que é denominado de coparentalidade (Bolli, 2002). O desenvolvimento é facilitado quando há a participação de duas pessoas realizando uma mesma atividade, desenvolvendo, desta forma, sentimentos mais duradouros uma em relação à outra (Andreani, 2006).

Já com os pais da 1ª geração a participação foi menos efetiva:

“Eu te confesso que a gente, a minha geração, nós casamos em 79, 39 anos de casamento, Na época, se hoje eu fosse pai novamente seria diferente. Na época a gente era um pouco, a gente trouxe um pouco de educação dos pais porque com o meu pai eu não tinha contato nenhum, não tinha conversa. Não tinha isso de participar da gravidez. Eu era mais distante.” (V. 1ª G.)

Com a primeira geração de pais o que fica evidenciado é uma menor participação afetiva, seu cuidado era demonstrado através do sustento financeiro. Afetivamente, eram pouco ativos, seja pela educação recebida pelos próprios pais, seja pela preocupação em sustentar a família. Havia ausência física e um menor envolvimento com os filhos. Assim, a responsabilidade de criação foi toda vinculada à mãe.

4.3 O MOMENTO EM QUE EFETIVAMENTE SE SENTIU PAI

O papel do pai no desenvolvimento da criança começou a ser estudado apenas na década de setenta, com resultados de que o homem pode ser tão apegado à criança quanto sua companheira (Andreani, 2006). Porém, os homens adquirem efetivamente o vínculo com o bebê a partir do seu nascimento, pois é a mulher que sente a criança se desenvolvendo dentro dela, é algo mais concreto. O pai tem apenas a idéia desta experiência. Assim, a partir do nascimento é que o vínculo entre pai/bebê vai sendo construído (Piccinini, 2004), como exemplo de algumas falas dos pais de primeira e segunda geração.

“Quando eu fiquei sabendo, pá foi muito legal, mas eu curti mais após o nascimento, tudo fica diferente, o ver nascer como eu vi, quando eles trazem assim para ti, aquela coisinha totalmente indefesa, foi realmente emocionante, chorei, quase desmaiei, é uma mistura de sentimentos. Faria tudo de novo. Na hora do nascimento, na hora que trouxeram ele pra mim, foi muito emocionante. Na hora que tiraram ele da barriga dela, estava fazendo uma cesariana, eu estava do lado dela e segurando sua mão eu não estava vendo nada porque fica tudo tapado, quando tiraram e vieram trazer, a emoção foi tão forte, já sou uma pessoa emotiva, choro fácil, realmente foi emocionante. Mas como eu te falei, foi ali, quando ele chegou, aquela coisa toda roxinha, daí meu Deus do céu, aquela hora ali, eu senti, aí caiu a ficha do “toma que o filho é teu.” Então realmente, mas assim, veio tudo que eu não tinha conseguido sentir antes, a emoção, a alegria, realmente, eu curti tudo naquele momento e a emoção foi tão forte que eu passei mal mesmo, por pouco que não desmaiei. Escureceu tudo e foi realmente aquela hora ali. Depois o encontro no berçário com ele aí vi que ele era meu chaveirinho, não estava mais roxinho. Tanto, que na primeira vez que eu vi, achei que ele era moreno e ele é loirinho, para você ver como eu estava emocionado, nem enxergava direito. Meu chaveirinho mesmo, igualzinho a mim, até as minhas manias. Fotos minhas de quando era pequeno parece um clone do V. Muito parecido.” (E. 2ª G.)

Antes eu tinha apenas a idéia e de repente está ali. Fiquei muito feliz. A participação é quando a criança nasce (L. 2ª G.).

“Acho que quando fiquei sabendo e depois que ele nasceu bem, acho que isso já basta. Isso foi um momento melhor, porque o parto foi muito difícil, quase 40 horas de parto, tiveram que tirá-lo com fórceps, quebraram seu ombro, até chegaram a perguntar para mim se eu queria salvar a criança ou a mãe, foi algo terrível para mim. Quando ele nasceu acharam que ele estava morto, o deixaram em cima da pia e foram cuidar da mãe quando de

repente ele chorou. Foi uma experiência muito traumática para mim. E quando ele estava bem é que veio a realização, porque achei que nem chegaria a ser pai.” (C. 1ª G.)

“Já faz tanto tempo... Eu acho que pai desde o primeiro dia que nasceu um filho. Eu não sei se a gente se sentiu pai ou protetor ou uma pessoa responsável. O nome pai parece que foi aparecendo depois. Quando o filho chamava de pai. A primeira palavra, porque geralmente era pai, mãe, primeiro a mãe depois pai. Esse é um momento forte e depois alguém te chama de pai e ele tem aquela proteção de pai. Este foi o momento mais forte.” (V. 1ª G.)

A partir do momento em que os homens se sentiram pais, entra em questão o chamado envolvimento paterno que parte de três dimensões: acessibilidade, engajamento e responsabilidade. A acessibilidade diz respeito à presença e a disponibilidade do pai para com a criança. Já o engajamento se refere ao cuidado e interação entre pai e filho (Lamb, 1987).

Com relação a primeira e a segunda dimensão, há uma diferença significativa entre as gerações. Ao serem perguntados sobre o tempo disponibilizado ao filho, a primeira geração confirmou a ausência física e a falta de um maior envolvimento com o filho (características da paternidade moderna), pois precisavam garantir o sustento financeiro (Castoldi, 2002).

“Somente à noite, pois trabalhava o dia inteiro.” (O. 1ª G.)

“Olha, só fim de semana. Porque eu saía cedo para o meu trabalho e só voltava à noite. Muitas vezes à noite eles já estavam dormindo e eu tinha que acordar eles muitas vezes para vê-los. De madrugada, muitas vezes eu os acordava, para poder me apresentar a eles. Hoje em dia passo o dia inteiro com os netos. Hoje eu tenho mais tempo só que com os netos.” (V. 1ª G.)

“Como falei, pouco tempo, viajava bastante.” (C. 1ª G.)

A partir destas falas, os pais da primeira geração consideram que tiveram perdas por não exercerem a “paternagem” com a acessibilidade e o engajamento, por sua pouca participação nas tarefas cotidianas e contato com os filhos. Não tendo o conhecimento suficiente do que se passava em casa, os pais acabavam tendo pouca intimidade com os filhos. Por sua vez, os filhos também sentiam dificuldades em se vincular com pais que eles pouco viam, como por exemplo esta fala da segunda geração:

“Eu sempre respeitei meu pai. Eu nunca tive problemas com meu pai porque eu sempre o respeitei, mas em certos tempos da minha vida ele participou pouco da minha vida. Então, eu sempre senti esse vazio, assim. Na época do colégio, ele não ia ver meus jogos, não participou e tal e tal, talvez porque caiu em dias que ele não podia talvez, não sei. Essa falta eu quero preencher com o V. Não quero deixá-lo na mão” (E. 2ª G.)

A segunda geração, em contrapartida, demonstra ter presente a tríade do envolvimento paterno, desenvolvendo novas definições para o papel de pai, participando ativamente da vida dos filhos desde sua concepção:

“Quando não estou muito atarefado fico com ele à tarde. À noite é normal eu ficar com ele. Brincamos, vamos à locadora escolher filmes juntos, levo ele a Beiramar para ele andar com a moto dele, no shopping para brincar com os videogames.” (E.2ª G.)

“Já várias vezes cancelei compromissos para estar em eventos com ele que já considero importante, estar com ele.” (E. 2ª G.)

“Fico com ele o máximo que dá, o maior tempo possível.” (R., 2ª G.)

Os homens têm tanta habilidade quanto as mulheres de criar os filhos e a gratificação emocional do pai vem a partir da quantidade de energia e tempo dispensados com a criança. A partir da presença e da disponibilidade fica presente a acessibilidade, que é uma das dimensões do envolvimento paterno. A partir das interações com a criança como brincar, levá-la para passear, tem-se o engajamento e por fim a responsabilidade que vem com a participação do pai em tarefas de cuidado e atenção com o filho. (Castoldi, 2002)

4.4 RELAÇÕES ENTRE PAI E FILHO APÓS A PARENTALIDADE

Através da interação entre o pai e o bebê, ou seja, a partir de comportamentos concretos, visíveis e audíveis para uma terceira pessoa, é possível identificar a representação de ser pai para este homem. Estes modelos de interação são passados de pai para filho através das gerações, por meio das múltiplas interações familiares que são organizadas em unidades ou scripts. Desta forma pode-se dizer que em algum momento os pais da segunda geração acabarão repetindo a história de seus próprios pais.

“... com relação ao pai, semelhante, na verdade, a gente acaba passando a mesma educação, só q com outros olhos, mais moderno, assim...” (E., 2ª G.)

“[aprendi a ser pai] Com meu pai, com meu avô. Eles tinham muito cuidado comigo. Eu lembro que eles me mimavam muito, acho q isso faz parte. Aprendi a ser pai com minha própria família através do exemplo, que é o que mais ensina. Como dizem: a palavra comove, mas o exemplo arrasta.” (R., 2ª G.)

Assim, com a vinda de um bebê, o homem pode reavaliar e repensar sua relação com seu próprio pai, visto que agora passa pela mesma experiência e muitas vezes se vê repetindo algumas coisas que aprendeu a partir das interações com a primeira geração.

“...eu acho que a gente se aproximou um pouco mais [depois do nascimento do filho], porque ele, eu via assim, por exemplo, eu sempre respeitei meu pai. Eu nunca tive problemas com meu pai porque eu sempre o respeitei, mas em certos tempos da minha vida ele participou pouco da minha vida...” (E., 2ª G.)

“...Provavelmente a cumplicidade, compartilhar problemas que antes você não entendia. As prioridades mudam.” (R., 2ª G.)

A partir da transição para a parentalidade é que o homem vai se familiarizando com seu novo papel, começando também a ter uma maior compreensão de seu próprio pai, possibilitando desta forma uma maior cumplicidade entre primeira e segunda geração, com trocas de experiências.

“... Foi como se ele passasse a entender certas coisas que antes não eram muito claras. Agora que ele está passando pela experiência, ficou mais fácil de entender algumas decisões tomadas, etc...” (O., 1ª G.)

Da mesma forma que a segunda geração começa a ter uma nova percepção de seu próprio pai, a primeira geração também começa a enxergar seu filho de uma nova maneira, pois a transição para a parentalidade gera mudanças na percepção que toda família tem de si mesma e dos outros, além dos relacionamentos que estabelecem entre si mesmos. Desta forma, quando o pai percebe que seu filho já é um adulto e está constituindo uma família passa a se relacionar e ter um olhar diferente sobre este filho. Da mesma forma, ele passa a se olhar diferente, visto que agora além de pai é também avô.

“... Muito difícil, é aceitar que você já é outra geração é ver seu filho, o que você viu nascer, cuidou, viu crescer, ver ele mesmo passar por isso, observar que como eu, ele também tem as mesmas dificuldades, está passando pelos mesmos problemas que eu, quando me tornei pai. Quando paro para pensar, é uma loucura, meu filho, já é pai e eu já sou avô...” (C., 1ª G.)

“... daí veio o avô. Daí foi um segmento, uma renovação de segmento. Com certeza as responsabilidades vão aumentando. A gente acha que não tem nada a ver, mas tem. Hoje a gente segue os netos como seguia os filhos. Para o bem-estar deles, a saúde. Quando eles estão doentes a gente também está doente. Então eu achei assim sempre pensei nos meus pais, nos sogros sogras, quando os filhos estão com problemas eles também estão com problemas. Eles só estão bem quando todos estão bem também. É incrível, são raízes que você leva até o fim...” (V., 1ª G.)

A mudança principal para a primeira geração é passar do papel de pais para também o papel de avôs. De acordo com Carter e McGoldrick (2001), é passar para uma posição secundária, mas afetuosa, deixando que os filhos tenham a autoridade principal.

“...Dos netos, fico o tempo todo juntos, paparico. O que eu não pude ficar perto deles [filhos] na época em que eram pequenos compenso agora, ficando com eles e também com os netos...” (C. , 1ª G.)

Quando o vínculo entre pais e filhos é satisfatório, essa etapa é gratificante para a primeira geração, que podem ter bastante intimidade com os netos sem ter que assumir as mesmas responsabilidades que tinham enquanto pais (Castoldi, 2002).

“... possibilitou uma maior abertura para aproximação. A alegria que o V. trouxe e ele gosta muito do V. e em função dele nós estamos tendo mais tempo juntos. Antes do V., só raramente a gente se reunia para almoçar, jantar juntos, só mesmo em datas comemorativas. Com relação a isso, só aproximou...” (E., 2ª G.)

Muitas vezes, a partir do nascimento dos netos há uma maior aproximação entre o avô e o filho, agora também pai, um maior entendimento e cumplicidade que antes não existia. Os avós passam a ser uma rede social de apoio, onde os pais irão buscar uma opinião, será alguém com quem deixar os filhos quando preciso. Desta forma, quando a relação pais/avós é satisfatória os avós são os primeiros a cuidar do bebê, muitas vezes fornecendo aos pais respostas às suas maiores inquietações. Assim estes avós se tornam peças chave na rede familiar de apoio para o novo pai.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paternidade passou por inúmeras transformações nos últimos anos. O que antes incluía apenas apoio financeiro, hoje, se transformou num acompanhamento do crescimento do filho. O salto qualitativo foi significativo, onde emoção substitui autoridade e envolvimento substitui responsabilidade financeira.

Com isso, há uma maior divisão de tarefas entre homem e mulher ao mesmo tempo em que os homens conseguem passar mais tempo com seus filhos. Pôde-se notar, também, que os pais acabam repetindo muitos comportamentos de seus próprios pais o que evidencia o quanto é passado de geração para geração.

A pesquisa realizada contribuiu para uma maior atenção à figura paterna no processo de transição para a parentalidade e desenvolvimento da paternidade. Há que considerar, porém, as limitações deste estudo que se encarregou de uma amostra pequena de pais. Assim sendo, recomenda-se a realização de estudos com amostras maiores que comparem as diferentes gerações de pais.

Porém, com os resultados desta pesquisa pôde-se comparar a experiência de paternidade de duas gerações e assim verificar que ser pai ainda é vivenciado como sinônimo de responsabilidade, tanto na primeira como na segunda geração. Ambas as gerações referiram também que a paternidade trouxe satisfação, porém pode-se constatar que o pai da segunda geração incorporou mais rapidamente a função paterna, o que se atribui ao exercício da paternidade desde a concepção do filho, através de sua presença e participação nas tarefas e situações que envolveram a gravidez e o parto. O pai da primeira geração, por sua vez, constitui-se pai a partir da incorporação da escuta de ser chamado de pai pelo filho quando este aprendeu a pronunciar esta palavra, pois não havia envolvimento afetivo e participação na criação dos filhos.

O pai da primeira geração se recente de não ter participado da gravidez e da educação do seu filho como gostaria e atribuiu esta falta ao fato de não ter aprendido com seu próprio pai o exercício da paternidade. Apenas um dos entrevistados referiu ter participado da gravidez, o que denota que na primeira geração esta prática era mais rara.

Constatou-se ainda, que o pai da primeira geração aproveitou mais a vinda dos netos do que a dos filhos e mostra-se como uma rede familiar de apoio importante para o filho que acaba de se tornar pai. Assim a paternidade do filho, portanto, segunda geração aproximou mais o avô do pai.

Outro aspecto a ser ressaltado é o fato de que o pai da segunda geração está transformando a experiência de paternidade apesar de não ter tido um modelo de pai que se caracterizasse pela proximidade, o que está procurando ter com seu filho. Então, pode-se dizer que se inaugura uma nova paternidade, aquela que pode abdicar de afazeres e do trabalho para ter mais convivência com o filho, o que não isenta este novo pai de sua responsabilidade pelo sustento, mesmo que a esposa trabalhe fora como mostrou Andreani (2006). Pode-se dizer então que embora continue ambivalente entre a satisfação e a responsabilidade o pai de hoje aproveita mais das benesses da paternidade. É preciso, contudo, estar atento a saúde deste pai, que assim como a mulher pode apresentar doenças e sintomas, prestando atenção aos seus sentimentos na transição para a parentalidade.

Com a realização desta pesquisa, fica evidente que a primeira geração está aprendendo muito com a ausência que experienciou da criação de seu filho, ao mesmo tempo, este filho, que agora é pai, passa a entender muitas posições e comportamentos de seus próprios pais, havendo uma maior aproximação e cumplicidade por parte de ambos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREANI, Grace. Satisfação e responsabilidade: o envolvimento do pai na gravidez durante a transição para a parentalidade. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

BOLLI, Ana Cristina Von Bock. O envolvimento paterno com o bebê na gestação e aos doze meses de idade. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

CARTER, Betty. MCGOLDRICK, Monica As mudanças no ciclo de vida familiar – Uma estrutura para a Terapia Familiar. Porto Alegre: ARTEMED, 2001.

CASTOLDI, Luciana. A construção da paternidade desde a gestação até o primeiro ano do bebê. Tese de doutorado, Universidade do Rio Grande do Sul, 2002.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Ed. Atlas, 2006.

LAMB, M.E.; PLECK, E.L.; CHARNOV, E.L. ET LEVINE, L.A. A biosocial perspective on paternal behavior and involvement, in J.B. Lancaster, J. Altman, A.S. Rossi et L.R. Sheford (Eds). *Parenting across the lifespan: biosocial dimensions: 11-142*, New York: Aldine de Gruyter, 1987.

LAMARI, Rinaldo de. A Grávida e o bebê: da concepção ao parto. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

MALDONADO, Maria Tereza. Psicologia da gravidez: parto e puerpério. São Paulo: Ed. Saraiva, 1997.

PICCININI, Cesar Augusto. O envolvimento paterno durante a gestação. Revista Psicologia: Reflexão e Crítica, 2004, 17(3), PP. 303-314.

PONTES, Fernando Augusto Ramos. Temas pertinentes à construção da Psicologia Contemporânea. Belém: Editora da Universidade do Pará, 2005.

TABORDA, Wladimir. A bíblia da Gravidez – seu guia completo para a gestação e as primeiras semanas do bebê. São Paulo: Ed. CSM, 2005.

WENDT, Naiane Carvalho. Fatores de risco e de proteção para o desenvolvimento da criança durante a transição para a parentalidade. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

OLIVEIRA, Flávio Garcia de. Bebê a Bordo: Guia para Curtir a Gravidez a Dois. São Paulo, Matrix, 2001.

ANEXOS

APÊNDICE 1

ROTEIRO PARA ENTREVISTA (2ª geração)

O que é ser pai para você?

Como foi saber que você iria ser pai?

Como foi sua participação na gravidez de sua companheira? (se foi nas consultas médicas, leu a respeito, participou na hora do parto)

Você teve algum sintoma físico parecido com o da sua companheira durante a gravidez?

Qual foi o real momento que você se sentiu pai?

Houve alguma mudança significativa no seu casamento depois do nascimento do bebê?

Com quem você aprendeu a ser pai?

Quanto tempo por dia você fica com seu filho?

Depois de ser pai, algo mudou na sua relação com seu pai?

O que você percebe de semelhante entre você e seu pai, no papel de pai?

O que você percebe que é diferente entre você e seu pai no papel de pai?

APÊNDICE 3

ROTEIRO PARA ENTREVISTA (1ª geração)

O que é ser pai?

Como foi saber que iria ser pai?

Como foi sua participação na gravidez de sua parceira? (consultas médicas, leu a respeito, participou na hora do parto)

Você teve algum sintoma físico parecido com o da sua companheira durante a gravidez?

Qual foi o real momento em que você se sentiu pai?

Houve alguma mudança significativa em seu casamento depois do nascimento do bebê?

Quanto tempo por dia você ficava com seu filho quando ele era pequeno?

Você notou alguma diferença na sua relação com seu filho depois que ele se tornou pai?

O que você percebe de semelhante entre você e seu filho no papel de pai?

O que você percebe de diferente entre você e seu filho no papel de pai?

O que você gostaria que seu filho passasse da educação que você deu para ele, para seu neto?

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Senhor,

Eu, Milena Francener Deschamps, aluna de especialização do Instituto Sistêmico Familiar, venho convidá-lo a participar do processo de coleta de dados de minha monografia, sob orientação da professora Dra. Maria Aparecida Crepaldi.

Esta pesquisa, cujo título é “Homens grávidos: o homem jovem vivenciando a transformação da paternidade”, tem por objetivo verificar as transformações ocorridas na paternidade entre duas gerações.

A participação é voluntária e, caso aceite participar, solicito sua permissão para que possa utilizar as informações obtidas através da entrevista. A identificação pessoal será omitida no momento da divulgação dos resultados desta pesquisa.

Após ler este termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e aceitar participar do estudo, solicito sua assinatura. Qualquer informação ou esclarecimento adicionais poderá ser realizado junto à pesquisadora.

Eu _____,
declaro ter tido os esclarecimentos necessários sobre a pesquisa “Homens grávidos: o homem jovem vivenciando a transformação da paternidade”, e concordo que os dados sejam utilizados na realização desta.

Florianópolis _____ de _____ de 2007.

Assinatura